

# O discurso da homogeneidade da língua atravessado por discursos outros<sup>1</sup>

(Le discours de l'homogénéité de la langue traversé par d'autres discours)

Elizete Beatriz Azambuja<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás (UEG)

liazambuja@ibest.com.br

**Resumé:** Dans cet article, nous présentons une réflexion sur le sujet/langue et le fait que le discours sur la langue est traversé par d'autres discours. Pour cela, nous avons décidé d'avoir été produite dans l'espace des commentaires sur l'un des blogs qui ont porté un texte avec le titre suivant: "Livre utilisée par MEC apprend aux élèves à parler mal" (12/05/2011). Les déclarations illustrent l'impact qui a eu la publication nationale du manuel Portugais Pour une vie meilleure, adoptée par le Ministère de l'Éducation (MEC) pour l'Éducation de Jeunes et Adultes (EJA). Pour guider notre réflexion, nous nous basons dans la théorie Analyse du Discours, en particulier dans les réflexions développées sur ce sujet/langue, la constitution idéologique et l'hétérogénéité des discours.

**Mots-clés:** homogénéité; traversant des discours; langue; l'analyse du discours.

**Resumo:** Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre a relação sujeito/língua e o fato de o discurso sobre a língua ser atravessado por outros discursos. Para isso, tomamos enunciados que foram produzidos no espaço dos comentários em um dos blogs que trouxe a matéria com o seguinte título: "Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado" (12/05/2011). Os enunciados ilustram a repercussão nacional que teve a publicação do livro didático de língua portuguesa Por uma vida melhor, adotado pelo Ministério da Educação (MEC) para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para orientar a nossa reflexão, fundamentamo-nos na teoria Análise de Discurso, especialmente nas reflexões desenvolvidas sobre a relação sujeito/língua, a constituição ideológica e a heterogeneidade dos discursos.

**Palavras-chave:** homogeneidade; atravessamento de discursos; língua; análise de discurso.

## Introdução

Neste trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a relação sujeito/língua e o fato de o discurso sobre a língua ser atravessado por outros discursos, fundamentando-nos na teoria Análise de Discurso.

Para isso, tomamos enunciados que foram produzidos no espaço dos comentários em um dos blogs que trouxe a matéria com o seguinte título: "Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado" (12/05/2011). Os enunciados que consideramos para a análise ilustram a repercussão nacional que teve a publicação do livro didático de língua portuguesa *Por uma vida melhor*, da coleção *Viver, aprender*, adotado pelo Ministério da Educação (MEC) para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Esse livro se fundamenta na concepção sociolinguística de linguagem e o acesso aos princípios dessa teoria resultou em mais do que um incômodo, numa revolta de uma

<sup>1</sup> Este artigo traz, em linhas gerais, uma discussão que constitui parte do capítulo terceiro de minha tese de doutorado que tem por título *O funcionamento ideológico na produção da "hipercorreção"*, sob a orientação da professora Eni P. Orlandi. A defesa da tese ocorreu em agosto de 2012, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

grande parcela da sociedade. Essa manifestação quase que generalizada pode ser vista no espaço dos comentários em um dos blogs que traz a matéria com o seguinte título: “Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado”. (Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/poderonline/2011/05/12/livro-usado-pelo-mec-ensina-aluno-a-falar-errado/>>. Acesso em: 11 ago. 2011).

Recortamos alguns enunciados de uma série de comentários que consta do referido blog e chamamos a atenção para a quantidade de postagens. Do dia 12/05/2011, quando a matéria foi publicada, até o dia 11/08/2011 foram escritos 1.176 comentários. *Frisamos que foi mantida a forma escrita dos comentários.*

Para orientar a nossa reflexão sobre a produção de sentidos em relação à publicação do livro, retomamos a afirmação de Orlandi (1996, p. 32): “o jogo ideológico está na dissimulação dos efeitos de sentido sob a forma de informação, de um sentido único, e na ilusão discursiva dos sujeitos de serem a origem de seus próprios discursos”.

Assim, tomamos alguns desses enunciados<sup>2</sup> com o intuito de chamarmos a atenção para o funcionamento da ideologia que, independentemente do lugar em que vive o falante, produz efeitos de sentidos com os quais ele se identifica ou não.

Discurso sobre a língua: enunciados constituídos pela crítica aos sujeitos que (re) produzem sentidos que remetem à multiplicidade linguística

Os enunciados abaixo ilustram a discursividade que se constitui por argumentos que sustentam um discurso em que os sentidos atribuídos à língua são de unicidade, homogeneidade, padronização. Em outros termos, um discurso sobre a língua com sentidos diferentes dos que fundamentam o livro pivô da polêmica.

**Quadro 1.** Discurso sobre a língua atravessado pelo discurso dogmático da gramática normativa

Falar errado que em <i>qualquer lugar do mundo, desde que o mundo é mundo</i> , é sinônimo de falta de educação formal ou ignorância, passa a ser incentivado pela entidade que deveria zelar pela nossa língua! Onde vamos parar?
A meu ver a língua popular não passa de gíria, a língua portuguesa, <i>só tem uma norma que todos devem seguir, escrever, falar</i> , alternativas são uma deseducação.
Estão derrubando <i>todos</i> os níveis de medidas e valores da cultura, comportamento, moral, respeito e tudo o mais, que deveriam reger a sociedade.
Mas que barbaridade, agora por que as pessoas falam errado, as escolas não tem que ensinar o correto???? que <i>inversão de valores</i> é esse???
Que país é esse???? Onde vamos parar? O que vamos deixar para as novas gerações? Pelo visto praticamente nada!!!! <i>A inversão de valores é inacreditável</i> . Como o MEC aprova uma literatura como essa?
<i>Pelo amor de Deus, o que é isso?????</i> Como bem comentado, o problema é a qualidade do ensino no Brasil. <i>Língua viva?</i> Daqui a pouco tempo estaremos numa torre de Babel, cada um falando e escrevendo como quer. Não consigo me conformar com o que li nessa matéria...

<sup>2</sup> Ressaltamos que mantivemos a forma ortográfica utilizada pelos autores dos enunciados que constam de nossa análise. Optamos por assim fazer considerando que esse mesmo material poderá servir a outros pesquisadores com objetivos distintos.

Nesse embate entre sujeitos e sentidos, entre comentaristas e pessoas envolvidas na produção e circulação do livro em pauta, práticas linguísticas diferentes são consideradas como uma “inversão de valores”, uma “transformação de valores e referências da nossa juventude”, “vai contra a lei natural das coisas”. Nesse ponto, lembramos que observar a língua produzindo sentidos possibilita-nos o acesso ao modo como a ideologia se apresenta na constituição dos sujeitos e dos sentidos. De acordo com Orlandi (2012, p. 153), a ideologia “está em que o sujeito, na ilusão de transparência e sob o domínio da memória discursiva – alguma coisa fala antes, em outro lugar e independentemente – pensa que o sentido só pode ser ‘aquele’ quando na verdade ele pode ser outro”.

O efeito ideológico produz a evidência dos sentidos e o modo com que se configura a transparência da linguagem, nos argumentos que sustentam a contraposição a uma forma outra de língua: “em qualquer lugar do mundo, desde que o mundo é mundo”; “só tem *uma* norma que *todos* devem seguir”. O sentido de língua com o qual o sujeito se identifica “só pode ser aquele”, em todo o lugar, em todos os tempos, pois é “o” sentido e não há outro possível. Enfim, o efeito ideológico produz a naturalização dos sentidos, des-historicizando-os. Para Orlandi (2012, p. 175, grifos nossos), enunciados como esses têm

[...] a força do funcionamento da *memória* que, por não se mostrar como memória, se alarga, funcionando por um efeito de não atestação, efeito *ideológico* que dá ao dizer uma realidade irrecusável, o dizer sempre lá, que não se alinha na necessidade da prova, que não se mostra como interpretação, mas como *verdade imemorial*.

Podemos dizer que nas práticas de linguagem que predominam em nossa sociedade (re)produz-se um sentido de língua sedimentado ao longo da história das ideias linguísticas. Ou melhor, nos enunciados que tomamos para análise, observamos a trajetória de sentidos de língua imaginária construída sócio-historicamente.

Desse modo, práticas linguísticas são constituídas pela censura, pela negação a quaisquer possibilidades de outras formas de língua que não seja a nacional. Em outros termos, há uma luta ideológica entre a manutenção do ponto de vista em relação à língua cristalizada e outra possibilidade de perspectiva.

A nosso ver, a relação de oposição entre sentidos de língua e sujeitos que neles se inscrevem pode ser mais bem compreendida se mobilizarmos o funcionamento da *interincompreensão*. Noção essa que E. Orlandi (2008, p. 263), a partir de Maingueneau (1984), define como sendo “necessária para a constituição dos discursos em suas distâncias relativas às diferentes formações discursivas”.

A contraposição entre sentidos de língua e de sujeitos que (re)produzem esses sentidos pode ser observada na argumentação construída de variados modos, inclusive, na acusação de “assassinato da língua”. Trazemos alguns enunciados enquanto paráfrases desse gesto de interpretação.

**Quadro 2.** Discurso constituído pela imagem de língua externa ao sujeito: “assassinato” da língua

Isso é um <i>duplo assassinato</i> . Estão <i>assassinando a Língua Portuguesa e as crianças</i> . Como esses jovens chegarão ao ensino médio sem noção nenhuma da norma culta???
Tudo para legitimar a conduta do nosso digníssimo ex presidente Lula, que sempre falou ‘nóis vai’, ‘nóis vem’ e ‘nóis vorta’ e <i>sempre assassinou a gramática</i> .
Continuem votando no Lula (analfabeto) e sua turma de imbecis... é um <i>assassinato da língua portuguesa</i> . Não faltava mais nada.

Vale notar que há um discurso sobre a língua que se constitui pelo imaginário de língua externa, apartada do sujeito. As formulações que circulam em nossa sociedade e os sentidos inscritos nessa posição sujeito se constroem em uma argumentação sustentada no discurso autoritário da moral que nega espaço para outras discursividades.

Conforme Orlandi (2008, p. 159) “os discursos funcionam heterogeneamente, ou seja, um discurso traz em si a sua relação com vários outros, que contribuem igualmente para os seus efeitos de sentido”. E esse funcionamento é passível de ser notado, a partir da análise de nosso material. Há um discurso social sobre a língua que é afetado por vários outros discursos. Em outros termos, o discurso sobre a língua que constitui os enunciados trabalhados é atravessado por outros discursos, como o da violência, o religioso, o da economia capitalista, o homofóbico, o da linguística, o discurso irônico.

### **Discurso sobre a língua atravessado pelo discurso da violência**

Como dissemos, há um discurso que se constitui pelo desrespeito e por propostas de práticas de violência em relação a sujeitos que se inscrevem em outros sentidos de língua que não os predominantes. Isso também podemos notar nos enunciados que trazemos a seguir, não sem antes nos referirmos à contradição entre a advertência<sup>3</sup> que consta junto ao local destinado à escrita dos comentários e os comentários em si:

**ANTES DE ESCREVER SEU COMENTÁRIO, LEMBRE-SE:** o iG não publica comentários ofensivos, obscenos, que vão contra a lei, que não tenham o remetente identificado ou que não tenham relação com o conteúdo comentado. Dê sua opinião com responsabilidade! (grifos do autor do blog).

Para nós, essa advertência é *pro forma*, na medida em que não é levada a sério e o espaço para opinar funciona como um lugar em que o desrespeito se textualiza abertamente conforme notamos em vários comentários. A nosso ver, não há censura em relação às formulações, às vezes, bastante cruéis com que se opõem à possibilidade de se (re)produzir outros discursos sobre a língua, por exemplo o que traz à tona a noção de língua fluida.

Nessa direção de sentidos, é possível afirmar que o responsável pelo blog também se inscreve na mesma discursividade da maioria dos comentaristas.

<sup>3</sup> <<http://inforum.insite.com.br/9134/3355146.html>> – **Atenção:** A prática, indução ou incitação de discriminação ou preconceito de *raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional*, por meio da Internet, constitui crime punido com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa, conforme determina a Lei 7.716/89 em seu artigo 20, § 2º. Denuncie aqui *sites* e/ou mensagens de fóruns hospedados na Insite contendo qualquer violação.

O antagonismo entre sujeitos e sentidos se estende aos falantes que não se enquadram na forma de língua posta como nacional e isso se manifesta na materialidade linguística, como observamos nos enunciados abaixo.

**Quadro 3.** Discurso sobre a língua atravessado pelo discurso da violência

Xingamentos, ofensas	Deixem o povo <i>mais burro!!!</i> É isso que todos os governantes querem. Língua popular e língua culta... <i>Ora vão plantar batatas seus cretinos.</i>
	É isso, o Brasil é o país da imbecilidade, eta povo bruto do caralho.
	Vai tudu tomá no kuw, seu cambada de fio de pullllta. Por iço que us gringu tá tudo vindo aqui e virando ricu. Esse MEC fio de uma pullllta num pode fazê içu com noças criança.
Desejo de punição	Essas pessoas <i>estão cometendo um crime mesmo</i> , deveriam estar presas como bandidos comuns.
	Pessoalmente acho que esse ‘ministro’ Haddad <i>deveria ir para a prisão</i> , para sentir (literalmente) a ‘norma’ popular (sexual) que prevalece por lá...
	ISSO É UM CRIME, E POR TRATAR-SE DE CRIME, A POLÍCIA É O CAMINHO, COM A PRISÃO DOS RESPONSÁVEIS, INCLUSIVE. [...] Nem nos meus piores pesadelos poderia ver os meus pais nessa situação, nas <i>mãos de verdadeiros bandidos</i> . Como não se trata de uma “pegadinha”, a nação precisa tomar conhecimento amplo sobre o fato, os responsáveis chamados a dar explicações, serem levados às barras dos tribunais e responsabilizados. A sociedade, como um todo tem o direito de saber e de se manifestar. ESSE CRIME NÃO PODE PROSPERAR E FICAR IMPUNE. SOCIEDADE, REAJA.
	<i>Isso é caso de Polícia! Masmorra para os ‘AUTORES’, irresponsáveis.</i>
Proposta de extermínio	Onde está a Academia Brasileira de Letras que não pede o descredenciamento destes impostores e pretensos professores que <i>querem enchovalhar nosso idioma</i> ; digo de minha parte que <i>deveriam ser executados em praça pública</i> juntamente com quem autorizar tamanho disparate.[...] Fizeram isso com homens sérios como Tiradentes, Castelo Branco, Juscelino Kubtscheck, e outros. Por que não fazer <i>isso com esses desequilibrados mentais que vem das trevas tentando acabar com o que resta de bom na nossa cultura que é a língua bem falada e entendida?</i>

A inscrição desses sujeitos em um discurso sobre a língua possibilita que proponham, inclusive, a eliminação de falantes como algo “natural”. Nessa perspectiva, é preciso se levar em conta que o desejo de extermínio desses falantes é de natureza ideológica, histórico-socialmente constituído. Não nasce nesses sujeitos, eles nem ao menos têm consciência de como esse desejo homicida vem constituí-los e, quando enunciam trazem à tona sentidos que foram construídos ao longo da história, na ilusão de serem fonte e origem desses sentidos.

### Discurso sobre a língua constituído pelo discurso religioso

Na posição sujeito em que se nega a possibilidade de uma simetria entre as diferentes formas de dizer, constrói-se uma argumentação em que são bastante recorrentes as marcas que remetem ao discurso religioso.

Como sabemos o discurso religioso produz um efeito de inquestionabilidade que tem sustentado, ao longo da história, outras formas de discurso preconceituoso, não só o linguístico. Alguns enunciados que trazem o discurso sobre a língua, sustentados pelo discurso religioso, constituem a argumentação em que a figura de Deus é mobilizada, assim como outras formas linguísticas que, de algum modo, remetem a essa discursividade.

**Quadro 4.** Discurso sobre a língua constituído pelo discurso religioso

Definitivamente, isto <i>faz parte dos sinais dos tempos</i> . ‘É como dizem os políticos: <i>a voz do povo é a voz de Deus</i> ’?!?!?!?
Bem que disseram que o mundo ia acabar em 2011. Só pode ser <i>sinal do final dos tempos</i> .
[... ] e <i>os capeta vão gargaiar e infernizar as almas desses autor</i> quando eles morrerem, pois ficarão sozinhos com o errado, mas defendem como se certo fosse.
Que pena que a Academia Brasileira de Letras seja omissa e inerte neste tema. <i>Que pena que todas as igrejas também o são</i> , neste assunto. <i>No início veio o verbo</i> . Já pensou <i>se Deus dissesse</i> : Criei o universo? Os planetas seriam ovais, que nem a <i>visão dos descrentes</i> .
A palavra bonita, quando bem falada é divina. Mas quando desrespeitada, é infernal.
Tem alguma coisa errada nessa matéria. Tem que ter... <i>pele amor de Deus</i> . TENHA!
<i>MEU DEUS DO CÉU</i> . E eu que me orgulhava disso, fazer o quê.

A possibilidade de uma mudança nos sentidos de língua já cristalizados, uma “revolução” nos sentidos (im)postos historicamente, é vista como algo extremamente negativo, ameaçador, ao mesmo tempo que remete a pecado:

Neste momento já é consabido que o MEC aprovou o livro ‘Por uma Vida Melhor’, da professora Heloísa Ramos, que defende a ideia revolucionária de ser fisicamente possível falar ‘nós pega o peixe’, *sem punição divina imediata com um raio nos fundilhos*.

**Discurso sobre a língua constituído pelo discurso da economia capitalista**

Continuando a nossa reflexão, trazemos alguns enunciados que nos auxiliam no processo de compreensão do discurso sobre a língua numa sociedade capitalista como a nossa. O imaginário de língua “correta” como essencial para ingressar no mercado de trabalho.

**Quadro 5.** Discurso sobre a língua constituído pelo discurso da economia capitalista

[...] Isso é um achincalhe não só às pessoas que se esforçam para falar e escrever corretamente, como também é um tapa na cara dos pais que se matam de trabalhar para dar aos filhos uma <i>chance de estudar e ser alguém na vida</i> .
A ‘gente vamos’ continuar jogando um <i>bando de ignorantes no mercado do trabalho</i> .
Pobres dessas crianças, não terão nenhuma condição de concorrer com as outras crianças que estudam em escolas particulares; <i>no mercado de trabalho serão sempre preteridos para os cargos que exigam maior saber</i> .

Em relação a argumentos que constituem os enunciados acima e que nos remetem à forma-sujeito capitalista, é interessante pensar com Orlandi o modo de submissão do sujeito na forma mesma como o Estado o individualiza:

[...] a questão da língua nacional é uma questão que faz parte de qualquer Estado. Ter um Estado soberano é poder representar na variedade concreta da língua, uma unidade imaginária que dá identidade aos sujeitos desse Estado. E em se tratando de formas de controle da subjetividade, *a normalização da linguagem*, com toda a *violência* contra o imaginário que ela implica, tem um papel crucial. (ORLANDI, 2007, p. 13-14, grifos nossos)

É interessante notar também que, somada à crítica ao Ministério de Educação por haver publicado o referido livro didático, há também a crítica relacionada à entrega de material didático que discute o respeito à diversidade sexual.

### **Discurso sobre a língua constituído pelo discurso homofóbico**

Os enunciados citados, a seguir, apresentam um cruzamento com o discurso homofóbico. Dito de outra forma, essas construções se constituem tanto pelo preconceito linguístico como pelo preconceito contra a homossexualidade. Esse fato aponta para o desrespeito à dignidade humana como um todo que, conforme Orlandi (2012, p. 165), constitui a estrutura e o funcionamento da sociedade burguesa. Enfatizamos que questão social é questão ética e política.

#### **Quadro 6.** Discurso sobre a língua constituído pelo discurso homofóbico

[...] Não se assustem! Se o Lula teve a pachorra de ligar para um casal de <i>homossexuais</i> para parabenizá-los, só falta agora a liberação da pedofilia no país.
É o PT tornando o povo brasileiro mais burro. <i>Depois do casamento gay</i> , mais uma grande contribuição da presidente Dilma.
Sinceramente. Estranho tamanha surpresa. E o <i>kit gay</i> , é ótimo? A falta de merenda nas escolas é normal? [...] Deus me livre!

Para nós, o modo recorrente como os comentários/críticas ao livro do MEC são formulados remete ao que afirma Orlandi (2012, p. 67): “estruturalmente, é um mesmo texto falado por muitas vozes”. A autora se refere a esse processo como inverso à polifonia, em que há diferentes vozes no mesmo texto. Notamos que há um discurso recorrente que podemos chamar de discurso social, o discurso do consenso, em que os mesmos sentidos ressoam em diferentes construções enunciativas. São vozes múltiplas que soam de forma uníssona. No caso de nossa análise, são sequências discursivas que são produzidas por diferentes sujeitos em que é possível notar a insistência em um sentido de língua enquanto hierarquização de uma forma linguística à outra.

### **O discurso irônico como sustentação de um discurso sobre a língua**

A nosso ver, convém chamar a atenção para enunciados marcados pela ironia, por duas razões: primeiro pelas inúmeras vezes que aparecem entre os demais comentários e, segundo, porque há profunda semelhança nas marcas linguísticas que constituem a ironia.

**Quadro 7.** Discurso sobre a língua constituído pelo discurso irônico

E assim nós vai a <i>merda</i> . Ou seria: assim nós vamos à <i>merda</i> ?
Ostimu comentariu!!! Num sabia qui quem iscreveu esse livru foi o seu Creisson?
E si vc me permiti acrescentar, os brasileiros vaum até melhorar sua fomassão nas facultade. Acho que escrevi essa palavra errado, <i>mais não emporta</i> .
Sem probrema. Oje quem termina a quinta séria sai sem saber ler como mostrou a Grobo. Aki no nosso país a chente faz as coisa pro povo se virá.
que qui é iço? se meus presta o vestibula e na ora da redassão eles iscreve assim vai aprová eles? Pur favor me respondi a essa pergunta.
Huauauauaua Expetacular! Agora nós não precisa mais se preocupá cum essa chatura de norma culta. O próssimo paço é a abolissaum das regra ortográfica, afinal a língua tá viva e vc fala i iscreve u q kiser.[...] fico feliz de ver q o dinheiro dos meus imposto ta sustentando tanta gente competenti.

Vários comentaristas do referido blog, para criticarem o livro adotado pelo MEC, recorrem a determinadas marcas linguísticas marginalizadas, indicando por meio de seus enunciados escritos aquilo que é condenado no discurso da escrita e no discurso da oralidade, aquilo que é tratado como “erro”.

Nos enunciados acima mencionados, há traços de oralidade que não se restringem a expressões de pessoas desescolarizadas. Trazem à tona a relação entre oralidade e escrita sem levar em conta que estão se referindo a um modo de falar que, atualmente, é bastante comum entre os brasileiros, independentemente das condições de produção do enunciado. Por exemplo, palavras como “dinheru”, “iscreve”, “qui”, “competenti”, “livru”, são citadas, entre outras. Em meio a esses traços, acrescentam formas postas como “incorretas”: rotacismo (probrema), ditongação (nóis), forma de concordância verbal (nós vai), falhas de ortografia (expetacular, próssimo, iço, formassão, etc.).

A nosso ver, para produzirem sentidos relacionados à publicação do livro didático, estendendo a crítica aos autores do mesmo, os sujeitos trazem em seus enunciados uma forma de língua que os próprios sujeitos censuram, configurando um processo de significação que se constitui em um discurso irônico. Para nós, eles recorrem à ironia como uma estratégia, um recurso para resistir a outros sentidos de língua e de relação entre língua/sujeitos. Dito isso, é fundamental acrescentar que não tratamos de um sujeito intencional e, por isso, como diz Orlandi (2012, p. 40), “a ironia não depende da intenção do (sujeito) locutor ou da sagacidade do (sujeito) interlocutor. Mesmo enunciados não intencionalmente irônicos podem sê-los na prática discursiva”.

Nessa perspectiva, tomamos outro ponto da reflexão de Orlandi para compreender melhor o funcionamento da ironia e o que acontece para o sujeito falante:

[...] a ironia pode ter finalidades mais ou menos ‘nobres’. O sujeito falante pode usar a ironia para romper o estabelecido, ou *para evitar que isso aconteça*; para dar a palavra a outrem ou *para impedi-lo de falar etc.* Mas qualquer que seja sua finalidade prática, ele estará operando, no nível do funcionamento da linguagem e de seus processos de significação, com a ruptura e a dissonância. (ORLANDI, 2012, p. 37, grifos nossos)

Entre as possibilidades de produção de sentidos da ironia pensados pela autora, os comentários irônicos que tratamos neste espaço são produzidos “para evitar que se rompa o estabelecido”. Isto é, esses enunciados produzem um efeito de sentido que fortalece o

que ao longo da história vem sendo dito: há uma forma de língua que “todos” devem falar em contraposição à outra que é “errada”. Em relação a essa questão, Orlandi (2012, p. 26) argumenta que:

[...] na ironia, joga-se com a relação entre o estado de mundo tal como ele se apresenta já cristalizado – os discursos instituídos, o senso comum – e outros estados de mundo. Essa é uma característica básica da ironia.

Não se trata, pois, de um mero jogo de oposição, ou seja, de se dizer o contrário do que se pensa. A diferença vai muito mais além e significa multiplamente.

Ao considerarmos a ironia como tipo de discurso, negamos que ela seja um desvio: ela é o próprio lugar do estabelecimento de um processo de significação que chamamos irônico. Esse lugar [...] mostra, com sua forma própria e específica, a relação entre o mesmo e o diferente, o fixado e o possível.

Ainda para entender o funcionamento do discurso irônico é necessário lembrar que a ironia “se dá pelo estabelecimento de uma região significante, de um espaço de linguagem em que não só simulações, mas também *alusões* e mesmo *rupturas de significação* podem ser desenvolvidas” (ORLANDI, 2012, p. 26, grifos nossos). Assim podemos dizer que o sujeito produz a sua crítica censurando as diferentes possibilidades de formas de língua. Para isso, recorre a uma forma de escrita e de oralidade que ele mesmo critica, produzindo determinados efeitos de sentido.

## O discurso sobre a língua atravessado pelo discurso da linguística

Do mesmo modo que citamos uma série de comentários/enunciados que apontam para o discurso sobre a língua e o cruzamento com outros discursos: religioso, homofóbico, da economia capitalista, irônico, trazemos também, neste espaço, algumas sequências discursivas atravessadas pelo discurso da linguística. Ou seja, pensamos que há outra discursividade, sentidos outros que estão sendo atribuídos para a notícia “O livro do MEC ensina a falar errado”. Refletimos, a partir de Herbert (1995, p. 66, grifos do autor), que “o processo de constituição dos sentidos dos enunciados citados remete a uma série de ‘efeitos de conhecimento’ de tipo *científico*”.

### Quadro 8. Discurso sobre a língua atravessado pelo discurso da linguística

Não vejo nada grave nas orientações do autor. <i>Ele está falando do uso da língua, que é um direito de todos</i> . É claro que juntamente com essas orientações, o aluno deve ser esclarecido quanto ao uso adequado ou inadequado das mesmas. <i>Linguisticamente, está tudo correto</i> .
Calma, leitora Marim, tem coisa errada sim. <i>O que está errado é a maneira como a reportagem retratou o assunto, desvirtuando os estudos de linguagem</i> , para criar polêmica sobre um assunto muito discutido hoje em <i>Linguística</i> . A reportagem deveria deixar claro o que são os estudos de <i>variação linguística</i> .
Galera eu estudo <i>linguística</i> e entendo perfeitamente a proposta do livro. Existem vários tipos de linguagem entre elas a formal e a informal. [...] negar a existência de uma <i>variação</i> é ridículo!
Creio que toda essa polêmica criada em torno do livro de Heloísa Ramos, deixa clara a divisão social existente em nosso país, e as diferenças gritantes entre o ‘ <i>povo</i> ’ e a <i>elite</i> . No fundo, tudo gira em torno da política, do jogo de interesses, em que a linguagem ‘popular’ falada pelos cidadãos e menosprezada agora torna-se ‘língua <i>universal</i> ’ apenas em tempos de eleição.

Embora dentre o universo dos enunciados produzidos, aqueles que apresentam um sentido diferente para língua sejam bastante reduzidos, é importante mostrar que nas diferentes práticas linguísticas os sentidos não se dão em bloco, visto que são plurais os sentidos que constituem a nossa sociedade. Pois, como afirma Orlandi (2012, p. 15), “onde há interpretações, entram distintas versões”. Daí a possibilidade de haver interpretações constituídas pela diferença de sentidos em relação ao livro publicado pelo MEC.

Assim, o discurso da linguística disponibiliza argumentos em torno do “respeito à diferença”, mantendo categorias, a nosso ver, estanques, como as oposições entre “adequado/inadequado”, “formal/informal”, “povo/elite”, “popular/universal”, entre outras. Muitas vezes, pode haver um cruzamento dessas noções no discurso produzido por um sujeito numa posição em que se inscreve em sentidos outros que circulam em nossa sociedade.

### A oscilação entre sentidos de língua emerge nos comentários do blog

Aqui trazemos comentários do referido blog que também se constituem pela oscilação entre sentidos. Pensamos ser produtivo trazer alguns enunciados que em sua materialidade apontam diferentes sentidos quando o sujeito se posiciona em relação à polêmica sobre o livro didático publicado pelo MEC.

Se analisássemos de outra perspectiva que não a discursiva, poderíamos considerar tal deslizamento como contraditório. No entanto, podemos compreendê-lo quando levamos em conta que há memórias distintas que sustentam os sentidos de língua que circulam em nossa sociedade.

Na superfície das sequências discursivas, há formas linguísticas que são recorrentes, entre elas alguns conectivos ou expressões articuladoras que indicam contraposição entre argumentos: *mas, porém, por outro lado, em contrapartida*. Outro recurso utilizado é a própria pontuação que demarca a alternância entre sentidos.

Para essa reflexão, tomamos duas sequências discursivas em que podemos observar como o sujeito lida com os discursos sobre a língua cruzando o discurso da gramática com o da linguística.

#### Quadro 9. Enunciados oscilantes entre o discurso da linguística e o da gramática

a) Engraçado como as pessoas não questionam o que lêem. Quem garante que, de fato, tal livro didático está ‘ensinando’ a falar errado? A norma culta existe e deve ser ensinada, sempre. <b>Porém</b> , do ponto de vista da linguística não há ‘certo’ e ‘errado’. E mais: a linguagem coloquial, que falamos no dia a dia, é nossa língua viva. A gramática é a língua morta. Deve ser ensinada? Sim! <i>Deve ser ensinada instrumentalmente, como uma ferramenta de acesso à cultura ou mesmo de ascensão social.</i> <b>Mas</b> , por favor, não pensem que a norma culta é mais correta que a língua que falamos despreocupados com as regras. Associar a gramática à correção é um atestado de ignorância.	
Discurso da linguística	Discurso da Gramática
Engraçado como as pessoas não questionam o que lêem. Quem garante que, de fato, tal livro didático está ‘ensinando’ a falar errado?	A norma culta existe e <b>deve</b> ser ensinada, <b>sempre</b> .
<b>Porém</b> , do ponto de vista da linguística não há ‘certo’ e ‘errado’. E mais: a linguagem coloquial, que falamos no dia a dia, é nossa língua viva. A gramática é a língua morta.	<b>Deve</b> ser ensinada? <b>Sim!</b> <i>Deve ser ensinada instrumentalmente, como uma ferramenta de acesso à cultura ou mesmo de ascensão social.</i>

<p><b>Mas</b>, por favor, não pensem que a norma culta é mais correta que a língua que falamos despreocupados com as regras. Associar a gramática à correção é um atestado de ignorância.</p>	
<p>b) ACHO A NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA MUITO BONITA, <b>PORQUE</b> SOA MELHOR OUVI-LA. <b>MAS</b> ACHO TAMBÉM QUE, <b>POR OUTRO LADO</b>, MUITOS NÃO TÊM A OPORTUNIDADE DE APRENDÊ-LA. ENTÃO, A UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA POPULAR PODE SIM SER CONSIDERADA, <b>CLARO</b> ATÉ CERTO PONTO. EXISTEM PALAVRAS, OU ATÉ MESMO FRASES, QUE SÃO ABSURDAS, DURAS DE SE OUVIR, <b>MAS, EM CONTRAPARTIDA</b>, EXISTEM AQUELAS QUE PODEM SER ACEITAS SEM PROBLEMAS. (obs.: reproduzimos o comentário em letras maiúsculas conforme consta do <i>blog</i>).</p>	
<p><b>Discurso da linguística</b></p>	<p><b>Discurso da Gramática</b></p>
<p><b>MAS</b> ACHO TAMBÉM QUE, <b>POR OUTRO LADO</b>, MUITOS NÃO TÊM A OPORTUNIDADE DE APRENDÊ-LA. ENTÃO, A UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA POPULAR PODE SIM SER CONSIDERADA</p>	<p>ACHO A NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA MUITO BONITA, <b>PORQUE</b> SOA MELHOR OUVI-LA.</p>
<p><b>MAS, EM CONTRAPARTIDA, EXISTEM AQUELAS QUE PODEM SER ACEITAS SEM PROBLEMAS</b></p>	<p><b>CLARO</b> ATÉ CERTO PONTO. EXISTEM PALAVRAS, OU ATÉ MESMO FRASES, QUE SÃO ABSURDAS, DURAS DE SE OUVIR</p>

A oscilação está marcada na língua pela presença recorrente de operadores argumentativos como “mas”, “porém”, “em contrapartida”, “por outro lado”.

No modo como o sujeito diz sobre a língua, é possível se perceber que os sujeitos são afetados tanto pelo discurso da gramática quanto pelo da linguística e se movimentam entre diferentes sentidos. A dispersão do sujeito nos enunciados é uma dispersão de discursos, de recortes do interdiscurso. Chamamos a atenção para a primeira sequência discursiva em que aparece o verbo “dever” que aponta para o discurso autoritário, como censura ou negação de um espaço para outra possibilidade de interpretação.

### Algumas considerações...

Conforme Orlandi (2008), há uma relação de um discurso com outros, que contribuem igualmente para que sejam produzidos seus efeitos de sentido e isso pode ser notado no material analisado. No decorrer do texto, também chamamos a atenção para o funcionamento da ideologia que, independentemente do lugar em que vive, o falante produz efeitos de sentidos com os quais ele se identifica ou não. O sentido de língua com o qual o sujeito se identifica “só pode ser aquele”, em todo o lugar, em todos os tempos, pois é “o” sentido e não há outro possível. Em outros termos, o efeito ideológico produz a naturalização dos sentidos, des-historicizando-os.

Os enunciados que apresentamos ilustram a discursividade que se constitui por argumentos que sustentam um discurso em que os sentidos atribuídos à língua é de unicidade, homogeneidade, padronização. Nessa perspectiva, há um discurso social sobre a língua que é atravessado por vários outros. Também apontamos para o fato de que, onde há interpretações, entram distintas versões. Assim, embora haja uma discursividade predominante, podemos observar, nos enunciados, diferenças em relação ao modo de atribuir sentidos à língua.

Para “fechar” esta seção, compreendendo melhor o processo que constitui os sentidos de língua (e de sujeitos) postos nos enunciados analisados, tomamos a reflexão de Zoppi-Fontana (2011, p. 73):

Embora a indeterminação dos processos históricos seja constitutiva, abrindo a história para um campo não fechado nem previamente definido de possibilidades de ação, a própria ação é processo, é prática, e por isso é afetada pelas relações de poder, pelo funcionamento das instituições e pelas contradições que conformam toda formação social. Ou seja, não se nega as diversas ordens de determinação que surgem como efeito dos processos históricos, mas se subsume sua necessidade à contingência de sua origem.

## REFERÊNCIAS

HERBERT, T. Observações para uma teoria geral das ideologias. *Rua*, Campinas, n. 1, 1995.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du Discours*. Bruxelas: Mardaga, 1984.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Estar em estado de palavra. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos; CASTELLO BRANCO, L. K. A. (Org.). *Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011.